AVESSO DO TURISMO-TRAMA E ARTESANIAS NA AMÉRICA LATINA: SEGREGAÇÃO E CONTROLE NA ORDEM DO DESEJO

The Other Side of Tourism-Weave and Craftsmanship in Latin America: segregation and control in the order of Desire

Renan de Lima da Silva[1], Jennifer Bauer Eme[2] & Maria Luiza Cardinale Baptista[3]

RESUMO

O presente ensaio teórico tem como objetivo apresentar de Avesso do Turismo na América Latina, fundamentado no pressuposto epistêmico Artesania, como contraponto à segregação e o controle na ordem do Desejo. Compreende-se Turismo a partir da proposta de Trama-Ecossistêmica, em que a prática turística não é reduzida à lógica mercadológica e normativa, operando como mecanismo de produção de subjetividades. A partir da Esquizoanálise, o texto compreende o desejo como força produtiva e criadora, contrapondo-se à sua redução à falta e ao consumo. Nesse contexto, a América Latina é percebida como território marcado por condições de intempérie, mas também por potencialidades desde seu avesso capazes de produzir formas singulares de viagem e turismo para além das narrativas hegemônicas. O referencial é composto também pela ideia de micropolítica do desejo, entendida como possibilidade de resistência aos mecanismos de controle do Capitalismo Mundial Integrado. Os aspectos metodológicos são compostos, principalmente, pela Cartografia dos Saberes, que orienta a investigação a partir de uma perspectiva complexa, holística e processual. Nesse percurso, o conceito de Artesania valoriza produções cuidadosas, singulares e conectadas aos ecossistemas, em oposição à lógica padronizada do capitalismo. Conclui-se que o Avesso do Turismo-Trama revela dimensões invisibilizadas pela "Fachada do Turismo", reconhecendo viagens, saberes e desejos produzidos nas margens. Assim, o turismo é compreendido como processo de produção de vida, encontro e reinvenção, constituindo uma prática de resistência, criação e emancipação na América Latina.

[1] **Renan de Lima da Silva –** Doutor Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul. Professor Assistente no Departamento de Turismo da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Amorcomtur! Ecossistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0735199171911174. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9468-9870. E-mail: renan.lima@ufsm.br.

[2] **Jennifer Bauer Eme –** Doutoranda em Turismo e Hospitalidade no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. Integrante do Amorcomtur! Ecossistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul. Bolsista PROSUC/CAPES. Brasil. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3507331084688068. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4095-4944. E-mail: jbeme@ucs.br.

[3] **Maria Luiza Cardinale Baptista –** Doutora em Ciências, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Amorcomtur! Ecossistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2996705711002245. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7096-1160. E-mail: maluluizacardinalebaptista@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE

Avesso do Turismo; Esquizoanálise; Artesania; América Latina, Desejo.

ABSTRACT

This theoretical essay aims to present the Reverse Side of Tourism in Latin America, grounded in the epistemic premise of Craftsmanship, as a counterpoint to segregation and control within the order of Desire. Tourism is understood from the perspective of the Ecosystemic Framework, in which tourist practice is not reduced to market-driven and normative logic, operating as a mechanism for the production of subjectivities. From a Schizoanalytic perspective, the text understands desire as a productive and creative force, opposing its reduction to lack and consumption. In this context, Latin America is perceived as a territory marked by harsh conditions, but also by potentialities from its reverse side capable of producing unique forms of travel and tourism beyond hegemonic narratives. The framework also includes the idea of the micropolitics of desire, understood as a possibility of resistance to the control mechanisms of Integrated World Capitalism. The methodological aspects are mainly composed of the Cartography of Knowledges, which guides the investigation from a complex, holistic, and processual perspective. Along this path, the concept of Craftsmanship values careful, unique productions connected to ecosystems, in opposition to the standardized logic of capitalism. It is concluded that the Reverse of Tourism-Trama reveals dimensions made invisible by the "Facade of Tourism," recognizing journeys, knowledge, and desires produced on the margins. Thus, tourism is understood as a process of life production, encounter, and reinvention, constituting a practice of resistance, creation, and emancipation in Latin America.

KEYWORDS

Other Side of Tourism; Schizoanalysis; Craftsmanship; Latin America; Desire.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse ensaio teórico é apresentar o Avesso do Turismo na América Latina, produzido a partir do pressuposto epistêmico Artesania, como contraponto à segregação e o controle na ordem do Desejo. A ideia é compreender que há produções desejantes de movimentos, para além das normativas regidas pela ‘fachada do turismo’, em condições de intempérie, como as vividas pela América Latina, por vezes retratada como ‘exótica’ e objeto/produto de visitas. Percebe-se que esses movimentos se constituem em um turismo artesanal desde seu avesso.

O Avesso do Turismo, é a representação de um outro turismo possível, de dinâmicas comunicacionais de fluxos transversais que potencializam acoplamentos, encontros e a

ampliação das possibilidades de entendimento do Turismo desde o seu Grau zero, a viagem (Baptista, 2021; 2023).

Considerando a potencialidade desse avesso, o texto que escrevemos, e principalmente inscrevemos, como produção de ser e estar no mundo, está associado a uma condição múltipla, processual e holística que se apresenta desde a proposição de ciência de Baptista (2023), associada com uma ideia epistemológica embasada em autores como Crema (1989), Santos (2003), Capra (1991) e Morin (2007).

O texto como um todo, se apresenta em uma lógica ensaística que mais do que uma proposição de estilo literário, se refere a uma condição epistemológica e metodológica de apresentação associada ao seu objetivo. De modo que, ao longo do texto, escrito a três mãos, o que se apresenta são contornos epistemológicos-teóricos já na introdução que, com operadores de leitura, constituem estrutura de fundamentação alinhada com narrativas, que ilustram e dão consistência empírica para o desenvolvimento argumentativo.

Assim sendo, de maneira prática, aquilo que inscrevemos criticamente, está de maneira singular, escrita a partir da matriz dos sujeitos autores, em apresentações e representações especulares (Baptista, 1996) e artesanais (Eme; Baptista, 2025), que dão sentido ao pensamento epistêmico, em narrativas (Lima, 2009; Martinez, 2012) transpoiéticas (Silva; Baptista, 2023).

O texto é entremeado daquilo que é também sua apresentação de resultado, inscrita em narrativas artesanais que contextualizam o arcabouço teórico de uma América Latina em viagem, para além das amarras do Capitalismo Mundial Integrado impresso na Fachada do Turismo.

O Capitalismo Mundial Integrado (CMI), apresentado por Deleuze e Guattari (1995), é dispositivo de subjetivação, produção e reprodução sistemática, que orienta a produção dos sujeitos, e, consequentemente, seus consumos. A lógica que nos importa aqui é a percepção de que, através de seus mecanismos e engrenagens, o CMI cerceia, controla e segrega produções desejantes de lugares e sujeitos.

Nesse sentido, Artesania é proposta como uma forma de produção alternativa à orientação capitalística. Como pressuposto epistêmico, Artesania se relaciona com características do fazer artesanal, como o cuidado com a matéria-prima, com os instrumentos, com o tempo de

produção e, principalmente, com a relação que se estabelece entre o sujeito que produz e o processo. Assim, a orientação artesã valoriza o 'produto final', mas valoriza igualmente o caminho percorrido até o 'objetivo', valoriza o ecossistema envolvido na produção e reconhece sua conexão com o todo, em perspectiva holística (Crema, 1989). Distanciar o processo de produção da orientação capistística, significa, dessa forma, não valorizar somente o produto final e seu atrelamento com o lucro, em uma lógica de 'produção para o consumo'.

Em relação à América Latina, tratamos do lugar para além de sua construção geográfica, como espaço e território físico, produtor de materialidades. O Sul presente nessa américa, aqui aparece como epistemologia, conjunto de saberes em movimento, como as propostas desde Santos e Meneses (2010) em que os autores apontam as epistemologias do sul como uma condição e não com um espaço no Mundo. Assim, o Sul é o contraponto a uma condição de segregação de subalternização desde um lugar de poder, nesse caso o Norte.

Percebemos que é possível compreender a América Latina a partir de diversas perspectivas, e isso se deve, justamente, pelo seu caráter diverso, de entrelaçamento de diferentes mundos. A América Latina é compreendida como uma trama (artesanal) de saberes e fazeres ancestrais e contemporâneos que constroem um território marcado pela multiplicidade cultural, ou como disse Canclini (2000), marcado por culturas híbridas.

Nessa trama ancestral-contemporânea, também compreendemos América Latina como um lugar de resistência e que, artesanalmente, reconhece seus saberes e fazeres múltiplos como sua potencialidade para lidar com os processos de subalternização que transvesalizaram a construção histórica de seu território. Podemos descrever América Latina como "Un pueblo sin piernas, pero que camina[4]" (Perez, Cabra & Arcaute, 2010), ou como América Latina, Latinoamérica, amada América de sangue e suor" (Ledesma, 2002). De qualquer forma, em suas veias abertas (Galeano, 2013) é possível perceber potencialidades de saberes e fazeres que criam outras formas de vivenciar o mundo e produz vida, em entrelaçamentos entre sujeitos e ecossistema.

O sentido de uma Sul-Americano aqui proposto, está associado a uma percepção de que, em havendo um mundo que segrega, subalterniza, paralisa desde a subjetividade desejante, toda

[4] Tradução livre: "Um povo sem pernas, mas que caminha".

fruição de desejo se torna contra hegemônica, sendo seus movimentos essencialmente produção micropolítica ou contra cultural (Guattari & Rolnik, 1996).

Os movimentos do desejo, em sua completude, a saber Desterritorialização, a perda do território de si mesmo, Simulação, o vislumbre das possibilidades, e reterritorialização, a fruição e circunscrição dos movimentos do desejo, subvertem a ordem do CMI e possibilitam micro politicamente, quebrar a ordem de um desejo que por vezes é estruturalmente paralisante.

Essa dinâmica, deflagra que o Desejo, segundo Deleuze e Guattari (2004) é máquina e, portanto, é da ordem da produção. Sendo assim, censurar sua pulsão inconsciente, orientando sua produção a partir do que falta e não do que potencialmente se tem, é, através da privação, a maior forma de controle social, forma de exercício de poder e segregação.

Assim, o 'Turismo' se encaixa como potente mecanismo, maquinismo de subjetivação na ordem da produção desse desejo. Dizer isso significa dizer que a ordem do 'produto turismo', é orientada desde sua regulação, como algo que inclui ou exclui condições produtivas e principalmente, produções desejantes.

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT) Turismo é a saída do seu território, para a realização de atividades, durante viagens e estadas em lugares, por um período inferior a um ano e que gere alguma troca financeira. Essa orientação é essencialmente econômica, o que deflagra quem pode ou não ser considerado viajante, o que o sujeito precisa ter para poder ser considerado turista, quem pode ou não ser o detentor do Turismo.

Sobre isso, retomamos o texto outrora publicado (Silva & Baptista, 2025), que a despeito de condições de falta e impossibilidade de viagem, produzem como no caso das Favelas do Rio de Janeiro, manifestações culturais que representam movimentos de viagem para além daqueles negados.

> Vem que tá maneiro, vem, vem que tá maneiro
> Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro
> Vem que, vem que tá maneiro, vem, vem que tá maneiro
> Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro
> Baile do Brasil, baile de Paris
> Baile do Egito, baile de Moscou
> Baile da Califórnia, baile da Itália
> Baile da Holanda, baile de Dubai (MC Flavinho; DJ Deco, 2018).

Nesse caso em específico, o sujeito Favelado produz mesmo em território que é desconsiderado em relação a movimentos de viagem, produz em narrativas condições de movimentos mesmo quando os mesmos são desconsiderados.

Entre Norte's (detentores de poder), e Sul's (Subalternizados), se cria uma dinâmica de exercício de poder, segregação e controle sob aqueles que são hoje os que recebem, em detrimento, dos que têm o direito de viajar. A consideração é que, o destino não produz movimento, que o destino detém uma fachada de acolhimento, quando na verdade, os movimentos desejantes do destino, podem produzir desde o avesso dessa fachada, viagens de maneira artesanal.

Para tanto narrativamente, entretanto, a partir de Silva e Baptista (2023), a narrativa se situa nesse texto como orientação de sinalizadores de viagem como marco de desenvolvimento de produção desejante, sendo nesse caso, aspecto representativo da produção de turismo, do turismo desde seu avesso, artesanal.

Figura 1. Poéticas do cotidiano em andanças pelo Sul[5]

Fonte: Elaborada por um dos autores (2023).

Por orientação, então, a sequência do texto se estrutura da seguinte forma: apresentação da descrição sobre a segregação e controle situado com o olhar a partir da esquizoanálise e a

[5] Imagem publicada originalmente no texto Narrativas Artesãs em andanças compartilhadas pelo Sul: sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica (Eme, Baptista, 2025).

maneira como o turismo se situa em relação ao desejo esquizoanalítico, apresentação em relação à produção micropolítica como construção de Desejo baseado na Micropolítica do Desejo de Guattari e Rolnik (1996), apresentação dos aspectos metodológicos orientados pela Cartografia dos Saberes, apresentação teórico-conceitual do pressuposto epistêmico Artesania, referente aos processo de produção do Turismo-Trama e, por fim, as considerações possíveis articuladas a partir do entrelaçamento entre as temáticas, apresentando o Avesso do Turismo-Trama como alternativa ao Turismo hegemônico, braço do CMI, destacado como Fachada do Turismo.

ESQUIZOANÁLISE, ASSUJEITAMENTO DO DESEJO DESDE O CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO

A partir desse tópico, a proposta é tratar do Desejo presente no Turismo, olhando para sua condição de produção em dobras (Deleuze, 1991), sinalizadores de uma condição filosófica de múltiplos atravessamentos e transformações, potencialidades em desenvolvimento.

A condição aqui proposta, é olhar para a forma como o Desejo é percebido, negligenciado, segregado e ordenado a partir de uma orientação de múltiplos atravessamentos em camadas, dobras e planos de intensidade postos e coordenados pelo Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985).

Aspectos representativos dessa problemática se assentam em condições de produção de viagem como a representada na imagem a seguir:

Figura 2. Fachada do Turismo

Fonte: Print da Página Jeep Tour no Tripadvisor (2026)[6].

A imagem se refere a um comentário feito sobre uma atração que apresenta e apresenta Favelas no Rio de Janeiro em um passeio de Jeep. Alguns comentários tratam a atração como excelente por conta da segurança que passam no acesso a esses lugares. O que surpreende, no entanto, é a maneira como a equipe executora do passeio, não trata dos pontos sensíveis no comentário presentes em imaginários relacionados à uma subalternização da cultura dita de terceiro mundo.

A imagem é ilustrativa de uma situação representada em um Sul em que a própria pessoa que defende, mesmo sem ter total conhecimento do trajeto, pressupõe o que acontece como exotização. Bom, a partir disso, que narrativas então propõe a representação real dos avessos de uma exotização?

[6] Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303506-d4009831-r175328347-Jeep_Tour_Rio_de_Janeiro-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html.

Figura 3. Sujeitos do Avesso

Fonte: @nafaveladrone (2026)[7].

A matéria onde a imagem foi veiculada, trata de uma atração de filmagem por drones na Favela da Rocinha. Nela é citado que turistas aguardam até duas horas e cobram 250 reais pela produção que é realizada por moradores locais.

A apresentação sinaliza para uma subversão no protagonismo do olhar dado para a Favela. Esse aspecto está relacionado a uma autovalorização de saberes, que são representativos de um olhar para a própria produção não submetida ao desenvolvimento exploratório dos ditos detentores do real "saber" turístico. A caracterização de uma epistemologia própria.

Isso significa compreender a condição marginalizada com a qual tratam o Sul global, reconhecendo que esse sul é proponente de produções que, por vezes, são negadas em condição, não se tratando necessariamente de uma condição geográfica, mas sim de uma postura de manutenção do poder a partir do CMI, transversalizado, reconhecendo e tratando o Desejo como produto.

Reconhece-se, entretanto, que esse sul global, é capaz de produções epistemológicas únicas, provenientes das associações e condições de cerceamento e segregações impostas pelo *status*

[7] Disponível em: https://www.folhavitoria.com.br/cultura/turismo/turistas-enfrentam-2-horas-de-fila-para-gravar-video-com-drone-na-rocinha/.

quo, como aspecto tratado em Santos e Meneses (2010) em reconhecimento às Epistemologias do Sul.

Destaca-se que, no presente texto, não se trata romanticamente de um reconhecimento ao subdesenvolvimento por vezes visto em lugares marginalizados, mas de perceber que dessa condição de intempérie, há brotação de produção de sujeitos e lugares para além das fronteiras impostas pelo poder hegemônico que busca pelo desejo ordenar, controlar as dinâmicas de produção de sujeitos (Silva & Baptista, 2024).

Tratando da Esquizoanalise, é importante explicar do que se trata essa orientação com relação ao desejo. Segundo Deleuze e Guattari (2004, p. 390, grifo dos autores):

> A tese da esquizoanálise é simples: o desejo é máquina, síntese de máquinas, agenciamento maquínico — máquinas desejantes o desejo é da ordem da *produção*; toda produção é ao mesmo tempo desejante e social. Portanto, censuramos a psicanálise por ter esmagado essa ordem de produção, por tê-la revertido a ordem da *representação*.

O desejo como máquina produtiva é segregado pela representação. O Capitalismo Mundial Integrado atravessa, transversaliza como mecanismo de poder a produção desejante desde o inconsciente, assujeitando a produção, esmagando pela representação como falta, a fruição como condição de desejo, não como resultado do mesmo.

O Turismo, como forma de produção, está essencialmente atrelado, alinhado com as dobras do CMI. A forma de produção do Turismo, sintetiza através do desejo a brotação, a autoprodução de lugares e sujeitos, e ao mesmo tempo, é quando tratado pelo CMI, 'produto' travestido que coordena a manutenção do poder do CMI.

Isso significa dizer que, o CMI é capaz, quando reduz o desejo a ordem da representação, de torná-lo um produto de desejo, objeto que gera produção pela falta desse objeto, e a busca pelo mesmo como forma de realização.

Pela esquizoanálise, entretanto, o desejo é essencialmente a produção, a ordem do processo de produção, máquinas desejantes, agenciamento maquínico. O CMI em esquizoanálise, é mundial e integrado como modo de assujeitamento da individuação do sujeito, transversalizar dinâmicas de controle desde a constituição da subjetividade, não se restringindo a troca de valor monetário, mas exercendo controle a partir de uma micropolítica além de uma macropolítica, o que Guattari (1985) tratou a partir da necessidade de uma revolução molar e molecular.

O que autor trata com essa discussão, é a importância de pensar que o campo político não é só da ordem social Macro, reconhecendo a existência de uma micropolítica pois, parte do controle exercido pelo CMI está associado a um controle molar e um controle molecular, a revolução nessa dinâmica precisa conceber também a importância de pensar dinâmicas na ordem molecular, uma revolução molecular que é da ordem do Desejo pensado a partir de uma perspectiva micropolítica.

Essa apresentação e tensionamento entre a característica micro e macropolítica também do turismo, é representativa na constituição do Desejo ao pensar o Turismo. Se faz necessário pensar o Desejo como processo de produção maquínica, e o Turismo desejante, como um desses agenciamentos, que representam pensando o desejo como processo macropolítico e micropolítico, a conjunção da possibilidade de fruição desejante de maneira não estanque, mas como processo (Deleuze & Guattari, 1995; Guattari & Rolnik, 1996).

Isso significa dizer que, para além da cultura de massa representada pelo Turismo como processo maquínico, ou como Fachada de um turismo estritamente ou majoritariamente mercadológico (Baptista, 2021) há à representação do Turismo como produção micropolítica desejante de singularização, pensando o mesmo como processo de produção, turismo desejante, Turismo do Avesso, o que está no Avesso do Turismo de Fachada.

Assim o Desejo é artefato de possibilidade Micropolítica para além da Macropolítica, é pensado pelo CMI dessa forma, sendo extremamente necessário, percebê-lo não só como processo capitalistíco, mas o amplianda como processo que para além do assujeitamento, serve também como mecanismo de revolução molecular.

MICROPOLÍTICA DO DESEJO, PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO DESDE O AVESSO DO TURISMO-TRAMA

Tem-se a partir do CMI, uma configuração que que apresenta que na perspectiva Molecular (Guattari, 1985), o desejo como processo de assujeitamento, de manutenção do Capitalismo como poder e controle, dinâmica invariavelmente que nega ao sujeito a sua subjetivação, a sua singularização.

A lógica, combinando a ideia da necessidade de uma revolução molecular a partir da produção de uma micropolítica do desejo, é que o desejo deixe de ser tomado pelo CMI como processo

micropolítico, e passe a se tornar agenciamento de emancipação e singularização do sujeito, ampliando sua condição para além da falta psicanalítica.

Guattari e Rolnik (2004), no livro intitulado *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, apresentam o agenciamento do desejo pelo CMI desde uma construção enquanto engrenagem máquina, reconhecendo sua tomada de poder pela manutenção de duas grandes engrenagens, engrenagem de poder baseado no controle de capital e engrenagem subjetiva baseado no controle da cultura como processo de assujeitamento e controle, muito relacionado ao condicionamento de narrativas.

Nessa dinâmica, os autores contextualizam que a discussão então deixa de ser uma perspectiva do CMI só o relacionando com controle pelas trocas de capital, e passa a ser também uma produção de controle pela construção cultural.

Assim, o tratado aqui está relacionando a importância de perceber que, subjetivamente, os agenciamentos produzidos a partir do olhar da Esquizoánalise, são da ordem de manutenção do CMI e sua lógica de acúmulo infinito, ordenada pelos detentores dessas ferramentas de poder, poder objetivo capitalístico financeiro, e subjetivo narrativo cultural.

Pois bem, se tomarmos essa tese, o que há na orientação sobre o que é desejo, objetificando e tornando o mesmo necessidade coletiva, é fundamentalmente, ordenado pela falta, como forma de representar o desejo de maneira objetiva, e cerceando a capacidade de singularização do sujeito de seu processo desejante, negando ao próprio o direito ao desejo como processo de produção e não como falta.

Alargando esse sentido a partir do Turismo, temos que o mesmo tomado pelos múltiplos atravessamentos e dobras do CMI, aparece aqui como sinalizador ímpar para perceber os ordenamentos de controle objetivo e subjetivo dessa dinâmica do CMI. Para Guattari e Rolnik (2004) que “No fundo só há uma cultura: a capitalística. É uma cultura sempre etnocêntrica e intelectocêntrica (ou logocêntrica), pois separa os universos semióticos das produções subjetiva”. A atividade cultural como produção subjetiva e objetiva por vezes aparece com olhares majoritariamente econômicos, quando não, é tratada pelo olhar cultural, e variadamente invalidada como condição complexa, múltipla de constituição de desenvolvimento múltiplo de lugares e sujeitos (Baptista, 2021).

A cultura capitalística, propõem nas produções da sociedade, como o turismo uma lógica hegemônica de poder baseado principalmente nas condições de detenção de capital financeiro

e simbólico. Essa constituição, segrega desde a ordem do desejo, manifestações autorizadas ou negadas, em discriminação reforçada a partir de perguntas como, o que é ou não é considerado turismo? o que faz parte do sistema do turismo? que pode ou não ser considerado destino? quem pode ou não ser considerado turista?, e principalmente, quem pode ou não viajar?

Essas narrativas são forçadas na descrição dita por exemplo em frases como “só conheceu quem foi em determinado lugar”; ou ainda no exotismo presente em frases como “a verdadeira essência daqui é essa”. A verdade é que, cada construção narrativa e financeira que delimita, marca, segrega e controla o desejo de viagem, é uma forma de produção de amarras no desenvolvimento de estratégias para o reconhecimento e ampliação de fenômenos como o do turismo.

Baptista (2020), bem como Beni e Moesch (2017), reconhecem o turismo a partir de sua complexidade como ecossistema. Baptista (2020), vai além e propõe desde o holismo, a condição de tramas, emaranhados subjetivos e objetivos de encontros que significam e ressignificam o turismo. O turismo assim aparece como processo de produção e não mais como elemento centrado e objetivo que leva em consideração primordialmente as trocas financeiras.

Dizer isso significa reconhecer que, em toda fachada que apresenta o turismo cristalizado, baseado nas amarras constitutivas de expectativas financeiras e simbólicas em estadias em hotéis, visita a destinos turísticos consagrados, ou alimentação em restaurantes caros, são na verdade fachadas de manutenção de poder baseados na manutenção hegemônica e capitalística de quem detém e pode ter determinados desejos.

Ao revés disso, temos o reconhecimento dos avessos dessa fachada que se inscreve em tramas muito mais profundas, como dito por Baptista (2021) avessos de uma costura tal como um bordado, de tramas e significados de turismo e viagem protagonizadas por aqueles que estão para além das determinações objetivas das grandes engrenagens máquinas baseadas em, melhor destinos, melhores hotéis, melhores restaurantes.

Se trata de reconhecer que nesse avesso do turismo, existem práticas de pessoas que constituem a viagem como processo, sonham suas realidades viajantes e concretizam as mesmas através de suas produções que não se reduzem aos serviços prestados. São viajantes que trabalham com serviços do turismo, mas também destinos visitados, pessoas visitadas que além de acolher precisam também ser acolhidas na fruição de seus processos de produção de viagem dentro das condições possíveis (Silva & Baptista, 2024). Como dito por Arlindo Cruz:

Entendo esse mundo complexo
Favela é minha raiz
Sem rumo sem tino sem nexo, e ainda feliz
Nem toda maldade humana
Está em quem porta um fuzil
Tem gente de terno e gravata matando o Brasil
[...]
O povo que sobe a ladeira
Ajuda a fazer multirão
Divide a sobra da feira e reparte o pão
Como é que a gente tão boa
É vista como um marginal
Eu acho que a sociedade 'tá enchergando mal (Cruz, 2009)

Assim, o ato micropolítico está em perceber que o desejo de viagem não se restringe à conquista de aspectos narrativos de fachada do turismo, mas sim do desejo como processo que se inscreve de maneira artesanal, como busca pela singularidade maquínica e desejante de sujeitos em trama pelo turismo.

A micropolítica do desejo é artesanal, ato revolucionário de singularização que denuncia engrenagens máquinas hegemônicas de Nortes (detentores do poder) e Sul's (segregados subjetivamente), aspecto que não se restringe como dito em Santos e Meneses (2010), a norte e sul global, mas sim a produção de manutenção do poder do CMI, e busca pela emancipação em processo de micropolítica desejante.

METODOLOGIA

Os aspectos metodológicos são orientados pelas lógicas holística (Crema, 1989) e complexa (Capra, 1991; Santos, 2003; Morin, 2007), em que se a produção do conhecimento é compreendida a partir do reconhecimento de saberes e fazeres múltiplos, em um cenário de mutação da Ciência. Dessa forma, o sujeito-pesquisador é um cartógrafo que desenha a paisagem, acompanhando suas alterações, visto que ela não é uma coisa estática (Rolnik, 2006).

Dessa forma, o caminho que se forma a partir do caminhar do pesquisador está sempre em mutação. Os cenários 'movem-se' com a interação de quem os observa e também mexem com o sujeito, fazendo com que o pesquisador-cartógrafo se atente para pontos que não eram percebidos antes. O pesquisador constrói a pesquisa e a pesquisa constrói o pesquisador.

É da orientação de Sueli Rolnik, para os 'modos de fazer' a pesquisa, que brota a estratégia metodológica Cartografia dos Saberes, apresentada por Maria Luiza Cardinale Baptista (2023),

envolvendo pressupostos que auxiliam o pesquisador a relacionar a complexidade da realidade cotidiana com a pesquisa. Ela permite enxergar as trilhas por onde a investigação pode seguir, lembrando que esse processo está em constante mutação, reinventando-se a todo momento, onde "*Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas*" (Rolnik, 2006, p. 65, grifos da autora).

A Cartografia dos Saberes é composta por cinco grandes trilhas - Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa', Dimensão Subjetiva, Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, Trama dos Fazeres e Dimensão Intuitiva da Pesquisa - que formam uma trama e ajudam o pesquisador a encontrar o que busca descobrir e a compreender que na pesquisa, perder-se também é caminho.

As trilhas não são hierárquicas ou pré-requisitos, umas para as outras. Elas devem desenvolver-se simultaneamente e, vale destacar, estão sempre em construção. Porém para uma ordem de descrição das trilhas, adota-se a apresentação feita por Baptista (2023), que inicia pela Trilha Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa', em que se trata dos primeiros passos no caminho de produção do conhecimento, momento em que o pesquisador faz um delineamento da investigação, predefinindo as palavras-chave. O processo é importante para a definição do 'foco de estudo' (ou 'objeto de estudo', para linhas de pesquisa alinhadas à Ciência Clássica).

Dessa predefinição da temática geral da pesquisa, a construção da Trilha Dimensão Subjetiva busca reconhecer os saberes pessoais do pesquisador, tendo em vista que uma das motivações para escolher um foco de estudo é já saber algo sobre ele. Esse é o momento em que o pesquisador reflete sobre o que sabe sobre o assunto (Baptista, 2023). A proposta é trazer à consciência os saberes sobre o assunto escolhido, mostrando ao investigador aspectos interessantes para a construção do estudo.

A Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica refere-se à conversa tramada entre o pesquisador e saberes outros, de autores, teorias, conceitos, ideias, buscando contemplar múltiplos sujeitos, compreendendo a complexidade ecossistêmica da qual a investigação faz parte. A proposta, de acordo com a autora, é reconhecer que os saberes pessoais do investigador estão entrelaçados aos saberes de outros sujeitos "[...] há produções bibliográficas que nos dão informações que, reunidas, ajudam a provocar as reflexões e encontrar sinalizadores de pesquisa" (Baptista, 2023, p. 13).

Já a Trilha Trama dos Fazeres corresponde ao momento em que o pesquisador realiza aproximações e ações investigativas. A indicação de Baptista (2023) é que tanto as aproximações quanto as ações investigativas devem ser escolhidas conforme a singularidade da pesquisa, conforme a trama ecossistêmica do foco de estudo. Para a autora, as aproximações e ações investigativas são empreendidas pelo pesquisador para 'viver a pesquisa'.

A Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa dimensiona que o conhecimento não é produzido somente em nível consciente, racional: há uma trama subjetiva, abstrata que envolve o universo da investigação e que faz com que o sujeito todo faça pesquisa e vibre com a investig[ação] (Baptista, 2023). Assim, é possível que a solução para o problema de pesquisa surja de um momento de 'não pesquisa', onde o sujeito se conecta com níveis abstratos, inconscientes, despertando aspectos teóricos e de análise do foco de estudo antes não notados pelo pesquisador.

ARTESANIA E PROCESSO DE PRODUÇÃO DESDE O AVESSO DO TURISMO-TRAMA

Pressuposto epistêmico que orienta o processo de produção, a proposta Artesania pode ser associada aos múltiplos saberes-fazeres cotidianos. No campo científico vem sendo importante para (re)pensar a produção de conhecimento, de narrativas e de práticas turísticas, conforme o objetivo geral deste trabalho.

Em linhas gerais, trata-se de uma dimensão epistemológica que se opõe à lógica de produção capitalista, orientada, sobretudo, pelo acúmulo de capital. Nesse sentido percebe-se uma valorização da mecanização, da industrialização e padronização dos modos de fazer e de se relacionar com o ecossistema. Priorizando o sistema de produção-consumo.

Isso significa que Artesania corresponde, nesse sentido, à proposta na mudança de compreensão sobre o processo de produção, atrelando a essa perspectiva o artesanal (fazer artesanal). Essa perspectiva é marcada por singularidades vinculadas à ideia de uma produção cuidadosa e personalizada, com valorização e aproveitamento de recursos existentes, com vínculo estreito entre produtores, consumidores e ecossistemas, e reconhecimento do processo como elemento importante, por vezes, mais que o 'produto final' (Eme & Baptista, 2025). Essa compreensão sinaliza para uma produção que carregue, em si, a complexidade do cotidiano em que foi desenvolvida, 'com-versando' sujeitos e lugares.

Com isso, reforça-se a ideia de que esses aspectos contrariam a lógica de produção em série, impessoalizada, a partir de processos mecanizados, com forte presença de aparato maquínico, característico do sistema de produção pós-Revolução Industrial. Conforme já abordado, as principais marcas dessa produção são a padronização, massificação e homogeneidade dos processos e produtos, em um modelo orientado pela ideia de capitalismo por espoliação (Harvey, 2004).

Dessa forma, Artesania destaca uma outra forma de ser e estar na produção, na proposta de processos que gerem vida. Esse aspecto aparece em ideias como a de 'produzir para viver' abordada por Boaventura de Sousa Santos (2002), de Bem Viver, apresentada por Alberto Acosta (2016) e Amorosidade, como 'ética da relação' (Maturana, 1998).

Em relação à ideia de 'produzir para viver', a contribuição parte da reflexão sobre uma alternativa de produção à lógica capitalística, conforme já citado anteriormente como uma das características de Artesania. A compreensão sobre a importância de superar o sistema hegemônico que orienta as atitudes relacionais entre os seres humanos e o ecossistema às custas da destruição das condições da própria existência da vida humana no planeta Terra é partilhada pela ideia apresentada por Santos (2002) e o pressuposto epistêmico. O crescimento acelerado da ordem de 'produzir e consumir' colocou a humanidade, enquanto espécie, em uma encruzilhada para escolher entre a alteração da atitude ou a própria extinção.

Dessa forma, os processos cotidianos e singulares são sinalizadores potentes para (re)pensar a relação com o ecossistema e a produção do Turismo, no sentido de fazer o possível com o que se tem, sem idealizar o processo, entendendo que "a realidade é um campo de possibilidades em que têm cabimento alternativas que foram marginalizadas ou que nem se quer foram tentadas" (Santos, 2002, p. 25).

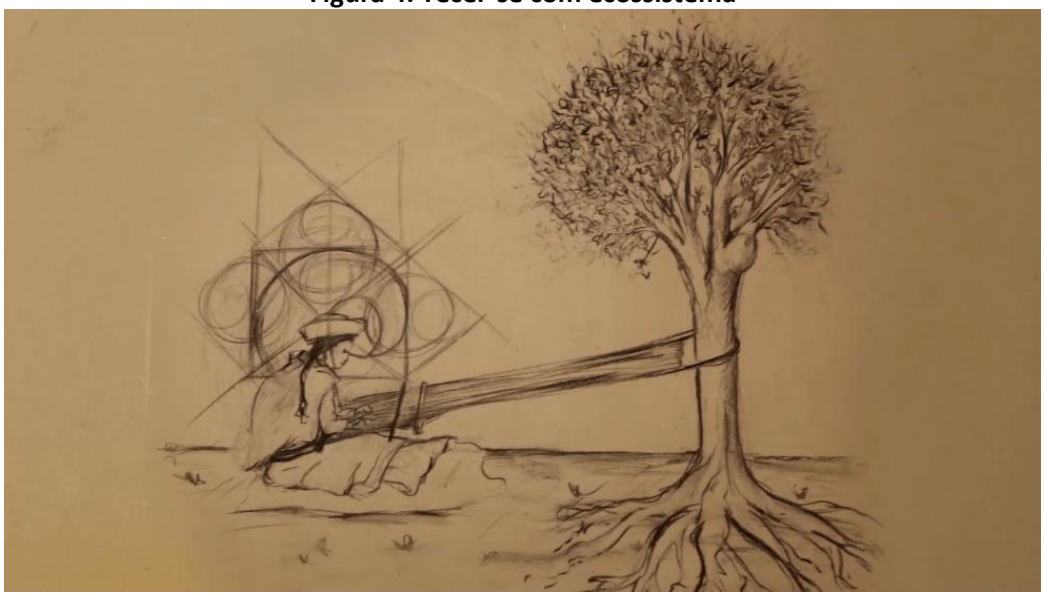
Destaca-se que Artesania trata das possibilidades de produção de um cotidiano orientado pela geração de vida, de bem-estar ecossistêmico. Nesse sentido, a proposta de Bem Viver (Acosta, 2016) contribui com o pressuposto epistêmico ao posicionar o desenvolvimento como um processo coletivo integrado ao ecossistema, planejado e com a orientação de oferecer bem-estar em dimensões materiais e imateriais, a todo o ecossistema. A ideia, segundo o autor, é "[...] uma tarefa de (re)construção que passa por desarmar a meta universal do progresso em

sua versão produtivista e do desenvolvimento enquanto direção única, sobretudo em sua visão mecanicista do crescimento econômico e seus múltiplos sinônimos" (Acosta, 2016, p. 77).

Pensar a produção, partindo de uma lógica artesã de lidar com a realidade cotidiana é resgatar uma espécie de tato, de sensibilidade com os acontecimentos e com os personagens que ela envolve. Nesse sentido, refletir o processo de produção em aproximação com o fazer artesanal marca o entrelaçamento de diversos saberes, advindo de lugares diferentes, mas com a intenção de construir algo que contribua com o máximo do todo, pois é integrado pelo todo, em seu contexto. O pressuposto epistêmico valoriza as singularidades e a 'com-versa' de saberes múltiplos. Além disso, romper com o pressuposto capitalista de excesso de produção e consumo abre caminho para pensar outras formas de viver e se relacionar com o ecossistema, considerando a realidade como campo em expansão, não se resumindo somente ao que já existe. Essa abordagem permite resgatar o cuidado do e no fazer, o reconhecimento dos saberes contidos na simplicidade cotidiana.

Nesse sentido, a relação com a América Latina, Artesania se expressa nos laços afetivos que os sujeitos têm com o lugar, por exemplo. As potencialidades de produção de vida, nesse Sul de intempéries, são tecidas com as dimensões do ecossistema, conforme abordado por Tschudi (2017) na produção audiovisual 'Tecido Andino'.

Figura 4. Tecer-se com ecossistema



Fonte: Print da produção audiovisual 'Tecido Andino' de Mariana Tschudi (2017)[8].

[8] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ms__xnB6bp4.

Em relação às práticas turísticas, pensar sua produção de forma artesanal significa romper com a lógica de produção de subjetividade sedimentada pelo CMI. Enquanto a fachada do turismo produz práticas que selecionam e/ou excluem sujeitos, reforçando a lógica de poder e dominação entre Nortes e Suls, o avesso propõe um processo de produção que potencializa a geração de vida de lugares e sujeitos do (e no) turismo.

Conforme já dito anteriormente, a ideia de Turismo aqui é compreendida a partir da característica de trama, conforme já mencionado anteriormente. Para Baptista (2020), Turismo é decorrente de proposições transdisciplinares que fazem com que ele esteja em constante movimento e reinvenção. “Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas” (Baptista, 2020, p. 49).

A partir dessa compreensão, a proposição de Avesso do Turismo-Trama, relaciona-se com a intenção de considerar a trama subjacente e, em certa medida, disfarçada ou escondida pela ‘fachada’, que é mostrada ao turista, mas que dá sustentação a ela. Trabalhando com a metáfora da costura, para a abordar a lógica de composições complexas que se dão amarrações sistêmicas e processuais de fenômenos, Baptista (2021) explica que é no avesso em que se encontram os fios e os nós, os acabamentos da trama. Dessa forma, a dimensão epistemológica Artesania orienta o olhar para um turismo que considera outros saberes e fazeres, em processos de Desejo que sejam também produtores de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio teórico teve como objetivo apresentar o Avesso do Turismo na América Latina, produzido a partir do pressuposto epistêmico Artesania, como contraponto à segregação e o controle na ordem do Desejo. A partir das temáticas teóricas abordadas, procuramos evidenciar que existem movimentos de viagens também turísticas que escapam às normativas instituídas pelo que denominamos de Fachada do Turismo, na articulação com as bases do CMI.

A reflexão desenvolvida permite compreender que o turismo, quando reduzido à lógica mercadológica, opera como um dispositivo de ordenamento dos fluxos desejantes e produção de subjetividade, delimitando quem pode viajar, quais deslocamentos são reconhecidos como legítimos e quais experiências são autorizadas a compor as narrativas oficiais do fenômeno turístico.

Nesse contexto, a América Latina aparece frequentemente capturada por olhares exotizantes e colonializantes, que transformam seus sujeitos, territórios e culturas em objetos de consumo, reforçando dinâmicas históricas de subalternização. Entretanto, os movimentos observados e discutidos neste texto sinalizam potencialidades que rompem com a lógica hegemônica. No avesso das estruturas dominantes, emergem práticas, narrativas e processos que expressam formas singulares de produção de viagem, constituídas a partir das condições concretas de existência dos sujeitos. Essas práticas se mostram como potencialidades de Avesso do Turismo-Trama, mais do que uma oposição ao turismo orientado pela ordem desenvolvida pelo CMI. Trata-se de um convite para perceber as tramas invisibilizadas que sustentam os processos turísticos, reconhecendo a multiplicidade de saberes, fazeres e desejos que produzem vida nos territórios.

O avesso revela os fios, os nós e as costuras que a fachada frequentemente oculta, permitindo compreender que o turismo não se limita aos produtos, equipamentos ou destinos legitimados pelo mercado, mas emerge das relações, dos afetos e das produções desejantes dos sujeitos. Na relação com as Artesanias latino-americanas, percebe-se singularidades para reconhecer que há potência criativa nas intempéries, que há produção de vida nas margens e que os sujeitos do Sul não são apenas receptores de discursos e práticas, mas produtores de epistemologias, narrativas e mundos possíveis.

Assim, o Avesso do Turismo-Trama, produzido desde uma lógica artesanal e desejante, na América Latina, emerge como expressão de uma micropolítica de resistência e criação. Uma prática que reivindica o direito de produzir viagens, sentidos e existências para além das determinações impostas pelos sistemas hegemônicos.

Por fim, compreendemos que nesse movimento, o turismo deixa de ser apenas objeto de consumo para tornar-se processo de produção de vida, ampliando possibilidades de existência, encontro e reinvenção dos sujeitos e dos lugares. Nessa ‘com-versa’ produzida em territórios de intempérie, como a América Latina, a ideia de Turismo-Trama encontra-se como potência de reinvenção, apresentando outros modos de habitar, sentir e viajar. No avesso das tramas, onde os fios não obedecem à linearidade da fachada, seguem sendo bordadas, cotidianamente, outras formas de desejo, movimento e produção na América Latina.

REFERÊNCIAS

Acosta, A (2016). *O bem viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante.

Baptista, M. L. C. (1996). *Comunicação: Trama de desejos e espelhos: Os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato*. Editora da ULBRA.

Baptista, M. L. C. (2020). "Amar la trama más que el desenlace!": Reflexões sobre as proposições Trama Ecossistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo, 8*(1), 41-64.

Baptista, M. L. C. (2021). O avesso do turismo como proposição de sinalizadores para o futuro: Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, 9*(3), 258–271.

Baptista, M. L. C. (2023). Da ontologia à ecosofia do turismo: Amorosidade e (auto)transpoiese para o Turismo-Trama do Mundo N'ovo. *Educação e Fronteiras*, e023014. Link

Baptista, M. L. C., & Eme, J. B. (2023). Estratégias de 'sobre-vivência' metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 18*, e023042. Link

Beni, C. M., & Moesch, M. (2017). A teoria da Complexidade e o Ecossistema do Turismo. *Turismo-Visão e Ação, 19*(3), 430-457.

Canclini, N. G. (2000). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Edusp.

Capra, F. (1991). *O ponto de mutação*. Cultrix.

Crema, R. (1989). *Introdução à visão holística: Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. Summus.

Cruz, A. (2009). *Favela* [Música]. Em *Mtv Ao Vivo Arlindo Cruz - Vol. 2* [Álbum]. DeckDisc.

Deleuze, G, & Guattari, F. (1995). *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34.

Deleuze, G. (1991). *A dobra: Leibniz e o barroco*. Papirus.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2004). *O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Assírio & Alvim.

Eme, J. B., & Baptista, M. L. C. (2022). Narrativas de viagem e artesania: Sinalizadores para (re)pensar o turismo. In D. A. Soster & M. Y. Passos (Orgs.), *Narrativas de viagem 2*. Catarse Editora.

Eme, J. B., & Baptista, M. L. C. (2025). Narrativas Artesãs em andanças compartilhadas pelo Sul: sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, *13*(1), e-56709.

Galeano, E. (2013). *As veias abertas da América Latina*. L&PM

Guattari, F. (1985). *Revolução Molecular: Pulsações políticas do desejo*. Brasiliense.

Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Vozes.

Harvey, D. (2004). *O novo imperialismo*. Edições Loyola.

Ledesma, D. R. (2002). *América Latina* [Música]. Em *Canção com todos* [Álbum]. USA Discos.

Lima, E. P. (2009). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. (3ª ed.). Barueri: Manole.

Martinez, M. (2012). Narrativas de viagem: Escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 35*, 34–52.

Maturana, H. (1998). *Emoções e linguagem na educação e na política*. UFMG.

MC Flavinho, & DJ Decco. (2018). *Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro* [Música]. Studio 22 Produções.

Perez, R., Cabra, E., & Arcaute, R. (2010). *Latinoamérica* [Música]. Em *Entren los que quieran* [Álbum]. Sony Music Latin.

Rolnik, S. (2006). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Estação Liberdade.

Santos, B. de S. (2002). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Civilização Brasileira.

Santos, B. de S., & Meneses, M. P. (Orgs.). (2010). *Epistemologias do Sul*. Cortez.

Santos, B. S. (2003). *Um discurso sobre as ciências.* São Paulo: Cortez.

Silva, R. de L. da, & Baptista, M. L. C. (2023). Narrativas e 'Com-versações' de Favela: Dispositivos sensíveis e complexos para Viagens Investigativas em Turismo. *Revista Hipótese*, *9*(00), e023008.

Silva, R. de L. da, & Baptista, M. L. C. (2024). "Com-versas de bar" sobre turismo e educação. *Revista on Line De Política E Gestão Educacional*, *28*(00), e023003.

Silva, R. de L. da, & Baptista, M. L. C. (2025). Variações sobre o Lazer Reflexões sobre a Concepção Lazer-Trama a partir das Esquizografias de Favela. *Revista Licere, 28*(00), p. 1. Link

Tschudi, M. (Diretora). (2017). *Tejido andino* [Vídeo]. Lima: [sem produtora].